

AS PARTICULARIDADES DOS EMPREENDEDORES DIANTE DO ENFRENTAMENTO DO ISOLAMENTO SOCIAL: RESILIÊNCIA NA PANDEMIA

THE PARTICULARITIES OF ENTREPRENEURS WHILE COPING WITH SOCIAL DISTANCING: RESILIENCE IN THE PANDEMIC

Recebido em 22.06.2021 Aprovado em 08.10.2021
Avaliado pelo sistema *double blind review*

DOI: <https://doi.org/10.32888/cge.v9i2.50551>

Fernanda Mourão Maciel

fernanda.m.maciел@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) – Belo Horizonte/Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-1674-9986>

Guilherme Augusto Ribeiro de Deus

guilhermedeus2008@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) – Belo Horizonte/Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-2891-8596>

Karina Fideles Filgueiras

kfideles@hotmail.com

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) – Belo Horizonte/Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3212-537X>

Resumo

Este estudo tem como objetivo investigar particularidades de adaptação ao modelo de isolamento social naqueles que empreenderam no contexto pandêmico do coronavírus, a partir do conceito de resiliência. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, exploratória, sendo a coleta de dados feita mediante questionários aplicados em microempreendedores. Os resultados apontam para um foco nos próprios negócios como forma de enfrentamento à pandemia, sendo as principais queixas relativas à mudança de rotina, redução do poder de compra, sintomas psicológicos e distúrbios do sono. A vulnerabilidade dos microempreendedores no isolamento social e a extensão do contexto pandêmico ressaltam a importância de pesquisas sobre o tema.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Resiliência. Isolamento Social. Impactos da pandemia.

Abstract

This study aims to investigate the particularities of adaptation to social distancing in those who launched small enterprises in the context of the coronavirus pandemic, from the perspective of resilience. A qualitative, exploratory research was carried out, through questionnaires applied to micro entrepreneurs. The results point to a focus on their own businesses as a way of coping with the pandemic, with their main complaints being related to changes in routine, reduced purchasing power, psychological symptoms and sleep disorders. The vulnerability of microentrepreneurs in social distancing and the extension of the pandemic context highlights the importance of researching furthermore.

Keywords: Entrepreneurship. Resilience. Social Distancing. Pandemic impacts.

Introdução

O isolamento social devido ao surto do vírus COVID-19 surpreendeu a todos, desde os trabalhadores assalariados aos empresários. As medidas para restrição de atividades presencialmente coletivas foram sancionadas na Lei 13.979 de 6 de fevereiro de 2020, demandando um novo cenário econômico e social, que varia de acordo com a administração de cada estado e cidade. Nesta lei, fica permitido a adoção de medidas de isolamento social e quarentena, bem como lista as funções essenciais ao controle de propagação do vírus, este último com trabalhos que se mantiveram no modelo presencial desde o início do surto (BRASIL, 2020).

Contudo, diante do cenário que ainda permanece, a partir da 1ª onda do novo Coronavírus, observa-se o fechamento de 716.000 empresas e conseqüentemente o aumento do número de desempregados, chegando a 12,9 milhões de pessoas (OLIVEIRA, 2020). Neste artigo buscou-se investigar as particularidades do comportamento humano diante do enfrentamento do isolamento social por meio da realização de um estudo acerca dos sujeitos desempregados. Problematizou-se sobre os mecanismos de enfrentamento às incertezas da pandemia adotados no contexto desfavorável do isolamento social, na investigação de como as pessoas buscam lidar psicologicamente e financeiramente com essa situação.

No que diz respeito à saúde mental destes trabalhadores, Gonçalves et al apontam que os períodos de incerteza geram conflitos internos que podem promover a adaptação do sujeito ao novo cenário (GONÇALVES et al, 2020, p. 155). Uma parcela da população busca no micro empreendedorismo ou empreendedorismo informal uma adaptação ao isolamento social, pela produção de bens e serviços no atual período de recessão econômica. O objetivo deste artigo reside na investigação das particularidades de adaptação ao modelo de isolamento social naqueles que optaram por empreender. Ademais, identificar nestes as propostas de adaptação ao contexto da pandemia visando o micro empreendedorismo, bem como avaliar as tentativas de adequação a nível individual, utilizando do conceito de resiliência.

É importante destacar que os abismos sociais entre as classes e o peso da necropolítica nas minorias do país são fatores que agravam a vulnerabilidade de certas parcelas da população, especialmente no atual contexto marcado por incertezas. De acordo com Domínguez, a pandemia representa um ápice visto os prévios atentados aos direitos civis, políticos e à dignidade pessoal desde a eleição de 2018. A relativização do direito à vida, somados à informalidade e precarização do trabalho, bem como outros fatores como as incertezas geradas pela crise sanitária atual refletem num cenário de angústia, medo, ansiedade e pânico na população (DOMÍNGUEZ, 2020, p. 23).

A importância dessa prática investigativa se dá pelo teor imperativo e atual do tema em questão, academicamente e socialmente. A produção acadêmica de estudos voltados para o foco psicológico, que almejam retratar a realidade da saúde mental das pessoas ao tratá-las como indivíduos e não como apenas mais um número para a lista de desempregados, contribui para uma melhor compreensão do grupo estudado e seus fenômenos.

Pelo caráter singular e falta de precedentes nesta escala, a produção de pesquisas é ainda escassa no que diz respeito à pandemia do novo coronavírus, acrescido do fato da produção de conteúdo revisado cientificamente ser gradual no entendimento dos efeitos da pandemia na população. Compreender os processos dos indivíduos que se empenharam em transformar as multifacetadas dos conflitos interno, financeiro, social e psicológico em um impulso para uma ideia inovadora, atingindo o conceito de resiliência, é o intuito desta pesquisa.

Referencial teórico

A fim de abordar os efeitos psicológicos e econômicos da pandemia na população e suas aproximações aos processos de resiliência, são apresentados a seguir os conceitos de isolamento social, microempreendimentos no contexto da pandemia no Brasil e a resiliência sob a ótica da psicologia.

Há diversos artigos do campo da Psicologia que abordam os efeitos psicológicos na conjuntura do novo coronavírus, todavia é frequente a menção da limitação dos resultados, uma vez que a maioria das pesquisas não relaciona o fator econômico ao social. A fim de enriquecer as referências utilizadas, buscou-se artigos de outras áreas do saber. Os conceitos e relações entre as definições que interessam ao tema foram distribuídos em três categorias: os efeitos psicológicos do isolamento social, os efeitos econômicos da pandemia e, finalmente, as soluções empreendedoras a nível pessoal. Esta organização visa elucidar pontos relevantes ao tema no que diz respeito aos desdobramentos do imperativo do isolamento que recai sobre a população.

Efeitos psicológicos do isolamento social

Em 31 de dezembro de 2019 as autoridades chinesas alertaram a Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre o crescente número de casos de pneumonia de origem desconhecida na cidade de Wuhan, capital regional de Hubei, na República da China. Este primeiro comunicado marca o início da cronologia do novo coronavírus a nível global, com o primeiro caso confirmado no Brasil em 26 de fevereiro de 2020. Mediante a iminência da crise de saúde pública nacional, foram veiculadas informações a respeito de medidas de proteção, como uso de máscaras, higiene pessoal e distanciamento social, pela imprensa e instituições, a fim de contribuir com a diminuição da propagação do vírus no país. Outra medida proposta e contida na Lei da Quarentena brasileira é o isolamento. Este consiste na separação de pessoas acometidas, ou expostas a uma doença transmissível, dos não doentes. Tal separação física também deve ser feita para bens e meios de circulação afetados, a fim de evitar a contaminação (BRASIL, 2020).

Diversos estudos psicológicos estão em curso, avaliando as possíveis consequências do isolamento social na população, dentre as quais se destacam especialmente a ansiedade, a depressão e o estresse (FARO, 2020). Contudo, devido ao teor inédito da pandemia em nossa sociedade contemporânea, os estudos primários são insuficientes para prever, com precisão, as sequelas psicológicas da pandemia na população geral (CABRERA, 2020, p.218). Fatores como a rápida disseminação do vírus e a dificuldade dos governos em manejar a evolução da crise agrava as consequências citadas, contribuindo para a sensação de insegurança e medo nas populações.

Uma recente pesquisa (GONÇALVES et al, 2020) sobre o existencialismo e a ciência no contexto da pandemia dispõe que frente a realidade atual incerta e imprevisível, os sujeitos são confrontados com a necessidade de adaptação, em uma crise interna que pode desencadear o crescimento pessoal. As autoras estabelecem que esta mudança está enraizada na flexibilidade psicológica, capaz de ressignificar a transformação que se vive. Esta capacidade se aproxima do construto de resiliência, fenômeno que um estudo avalia e define como “um processo de adaptação positiva diante de um contexto tipicamente desfavorável” (REPPOLD et al, 2012, p.248). Ademais, a literatura mostra que a concepção deste fenômeno engloba ainda a capacidade de se recuperar de um dano, relação que se dá pela origem do conceito de resiliência estar atrelado à resistência dos materiais da física, mas avança por incluir uma superação do que se era, com o crescimento pessoal no sujeito (BRANDÃO et al, 2011, p.269).

Efeitos econômicos da pandemia

Tendo em vista o atual cenário capaz de provocar medo, ansiedade e depressão pela pandemia do novo coronavírus, em conjunto com as diversas realidades sociais no Brasil, relacionou-se os processos de resiliência aos sujeitos inseridos no contexto de fragilidade e que optaram pelo microempreendedorismo neste período.

Entre março de 2020, início do isolamento social no Brasil, e setembro, houve um aumento de 980 mil novos registros de MEIs, Microempreendedores Individuais (SIMPLES, 2020), enquanto o número de desempregados brasileiros no segundo trimestre de 2020 foi de 12,8 milhões, tendo atingido 13,8% em julho, maior taxa desde 2012 (IBGE, 2020). A fala do diretor superintendente do Sebrae-SP em entrevista à Folha de São Paulo, “muitas pessoas tinham vontade de abrir um negócio próprio, e a pandemia acelerou essa motivação para empreender, tanto por necessidade quanto por oportunidade”, aponta para as posturas adaptativas que busca-se estudar nas parcelas dos novos empreendedores visto o atual contexto (VIALLI, 2020).

De acordo com a Lei Complementar N° 128, de 19 de dezembro de 2008 e o portal do empreendedor MEI, se encaixam na categoria de microempreendedor aqueles que cumpram os seguintes requisitos: possuem um faturamento de até R\$ 81.000,00 por ano, não são sócios ou titulares de outra empresa, tem no máximo um empregado e exercem uma das atividades permitidas ao MEI, segundo a Resolução CGSN n° 140, de 2018. Dentre as ocupações permitidas ao MEI listadas no anexo XI da Resolução, estão artesãos, carroceiros, mototáxis, fotógrafos e tantas outras prestações de outros serviços de forma independente.

Soluções empreendedoras

A Revista Elástica, através da jornalista Lara Santos, publicou uma reportagem explorando relatos de alguns empreendedores; brasileiros e imigrantes que, por necessidade ou interesse, optaram por alavancar projetos criativos (SANTOS, 2020). Em conversa com os pesquisadores da prática investigativa que deu origem a este artigo, Santos salientou as diferentes demandas dos entrevistados e a importância de se evitar a romantização do tema, tendo em vista que a lógica meritocrática não discrimina as vulnerabilidades sociais e o sofrimento psíquico dos sujeitos. Outro tópico mencionado foi a importância, para os entrevistados, do mínimo para se empreender, o que compreende estabilidade financeira suficiente para o projeto e tempo para tal. Ao ser questionada sobre sua percepção em relação a motivação e resiliência dos entrevistados, Lara observou que aqueles entrevistados com uma condição socioeconômica mais precária possuíam uma autoconfiança maior em relação aos seus empreendimentos quando comparados com aqueles empreendedores com maior estabilidade financeira.

A respeito da resiliência, existem diversas explicações por vários autores. Antunes (2003) e Pinheiro (2004) definem a resiliência como a capacidade do indivíduo de se recuperar psicologicamente diante das mazelas da vida (ANTUNES, 2003; PINHEIRO, 2004 apud LIMA et al, 2014, p. 401). Essa definição por si só, associada ao empreendedorismo, evidencia a saúde mental como fator crucial para se superar algum choque de realidade. Birley e Muzyka (2001) apontam para uma análise atual do empreendedorismo de modo que este seja dotado de uma complexidade e multifacetada das quais as variáveis sociais (mobilidade social, cultura, sociedade), econômicas (incentivos de mercado, políticas públicas, capital de risco) e psicológicas influenciam no ato de empreender (BIRLEY, MUZYKA, 2001 apud LIMA et al, 2014, p.395). Ou seja, empreender é muito mais do que estar dotado de iniciativa, condição financeira favorável e criatividade, entre outros fatores sociais e econômicos; a parcela da importância psicológica é necessária.

Grotberg (2005, p. 14) enumera três fatores necessários à resiliência: 1- eu tenho; 2- eu sou/eu estou; 3- eu posso (GROTBERG, 2005 apud LIMA et al, 2014, p. 399). Os desempregados no Brasil vivem a realidade de um país com milhões de trabalhadores informais e desempregados; é provável a presença de desespero e ansiedade diante do contexto pandêmico. Contudo, segundo o diretor superintendente do Sebrae, esta conjuntura forçou as pessoas a se reinventarem e darem vida a projetos antigos que não tinham sido iniciados. Dessa vez, o ponto de partida é a necessidade e um pouco de oportunidade, visto que os dados apontam para o aumento de MEI 's sendo criadas ou retomadas por antigos contribuintes.

Procedimentos metodológicos

De acordo com Gil, quase todos os estudos demandam algum tipo de pesquisa bibliográfica, que utiliza de fontes impressas como livros e artigos (GIL, 2002, p.44). A partir desse tipo de pesquisa é possível obter muitas informações sobre diversos tópicos que toquem o tema a ser pesquisado. Contudo, o autor aponta para a importância do discernimento dos pesquisadores no que diz respeito aos possíveis equívocos destas fontes secundárias (GIL, 2002, p.44). Neste sentido se destacam nas publicações periódicas aquelas que possuem avaliações por pares, e nos livros, o discernimento para escolher os autores que possuem notoriedade e conhecimento sobre o tema que abordam.

Semelhantemente à pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental se desenvolve baseada em fontes de leitura, contudo elas se diferem pela falta de tratamento na última. Gil as distingue da seguinte maneira: “Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p.45). As vantagens da pesquisa documental são o baixo custo, a variedade e riqueza dos dados, e a possibilidade de não ter contato com os sujeitos da pesquisa. Devido a desvantagem da não representatividade e a subjetividade desse tipo de pesquisa, é essencial ao pesquisador cautela na elaboração das conclusões, o que dificulta o alcance dos objetivos desta pesquisa.

No que diz respeito à abordagem, as pesquisas podem ser quantitativas, qualitativas ou ambas. Para Gunther, a escolha não deveria se limitar pela dicotomia entre ambas, estando o pesquisador aberto na fase da revisão de literatura a utilizar distintas abordagens priorizando as que melhor se adequem a sua questão de pesquisa (GUNTHER, 2006, p.207).

Considerando o questionamento de quais os mecanismos de enfrentamento às incertezas da pandemia adotados no contexto desfavorável do isolamento social e o seu objetivo exploratório, optou-se por um levantamento de dados e análise qualitativa para o desenvolvimento da prática investigativa ora apresentada. A pesquisa qualitativa tem como base o estudo de caso (MAYRING, 2002; FLICK, 2000 apud GUNTHER, 2006, p.202), método utilizado por muitas pesquisas levantadas no referencial teórico desta pesquisa. A respeito deste método, Gil afirma: “O estudo de caso (...) consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento (...)” (GIL, 2002, p.54). Considerando a amostra não probabilística por conveniência, o estudo de caso e a pesquisa qualitativa se mostram mais convenientes a este estudo.

Outras características importantes e relevantes nesta abordagem são, entre elas: a base teórica na realidade social vista como construção e atribuição social de significados (FLICK, VON KARDOFF, SKEINE, 2000, apud GUNTHER, 2006, p.202), a possibilidade de se realizar pesquisas qualitativas online (FLICK, 2009, p.32) visto a pandemia e finalmente o papel da pesquisa qualitativa nos estudos sociais. De acordo com Flick:

A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida. As expressões chave para essa pluralização são a “nova obscuridade” (Habermas, 1996), a crescente “individualização das formas de vida e dos padrões biográficos” (Beck, 1992) e a dissolução de velhas desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida. (FLICK, 2009, p.20)

As subjetividades dos empreendedores inseridos no contexto da pandemia estão diretamente relacionadas às suas relações sociais, especialmente no que diz respeito aos impactos da sua condição financeira e do cenário político nacional em sua tomada de decisões e processos de resiliência. Ademais, tendo em vista as desigualdades sociais estruturais vigentes que, historicamente, se fazem mais latentes em períodos de crise, optou-se por uma abordagem qualitativa que preza pela diversidade e pela garantia dos direitos humanos.

O intuito de pesquisar a respeito das propostas de adaptação ao contexto da pandemia visando o micro empreendedorismo direciona o público-alvo da pesquisa para aqueles que se inscreveram como MEI, formalizando-se como pequeno empresário individual, durante o período da pandemia ou que reativaram seu registro. Destes, especialmente aqueles que tiveram nessa ação uma visão de mudança positiva e significativa em um contexto desfavorável. O gênero e o grau de instrução não são especificados, porém, foi delineada a faixa etária entre 18 e 65 anos, sendo o primeiro a idade mínima para se inscrever no MEI e a última relativa a aposentadoria por idade. Além dessas características, é importante ressaltar que o público-alvo é constituído de sujeitos que passam neste momento, ou passaram por um momento delicado financeiramente e psicologicamente.

A coleta de dados se deu de modo remoto, através de formulário eletrônico, devido a esta pesquisa ser de característica qualitativa, acrescida da dificuldade de realizar entrevistas na condição da quarentena pela pandemia. Outro ponto marcante a ser levantado diz respeito ao público-alvo conter especificidades que dificultam o encontro de forma aleatória. Assim, a coleta de dados foi realizada através do método de análise de conteúdo dos questionários, sendo este instrumento avaliativo o que sustenta a obtenção de dados relevantes à pesquisa.

Sobre a análise de conteúdo, pelo estudo, Campos nota-se que esta ocorre em três etapas: Fase de pré-exploração do material; Seleção das unidades de análise; Processo de categorização e subcategorização (CAMPOS, 2004, p.631). Quanto ao questionário, de acordo com Gil “[por este] (...) entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado. A entrevista, por sua vez, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação “face a face” e em que uma delas formula questões e a outra responde” (GIL, 2002, p.114). Entre os pontos positivos do uso do questionário para esta pesquisa destaca-se o anonimato, a padronização e uniformidade, o custo razoável e a liberdade no tempo de resposta para aqueles que participam voluntariamente (RIBEIRO, 2008, p.13 apud CHAER et al, 2011, p.259).

A partir destas definições, foram elaboradas questões possíveis ao questionário, presentes no apêndice deste trabalho. O contato com o público-alvo ocorreu por meio direto com perfis de empreendedores nas das redes sociais e pela publicação do questionário em grupos, nas redes, voltados para a divulgação de produtos para venda, grupos de empreendedores e autônomos.

Apresentação e análise dos resultados

Os dados obtidos se dividem em três categorias: Identificação dos sujeitos pesquisados, perfil do empreendedor e questões relacionadas a fenômenos psicológicos. O estágio inicial do questionário consiste em perguntas referentes ao perfil social e ao tipo de trabalho exercido, este último a fim de limitar as respostas na fase seguinte para o público alvo de empreendedores no contexto da pandemia.

Na primeira categoria foi obtido um total de 65 respostas. Destas, é expressiva a idade entre 25 e 65 anos, com a porcentagem da amostra ligeiramente maior na faixa entre 45 e 65 anos. Quanto ao nível de escolaridade, todos têm formação mínima de Ensino Médio e a maioria possui Ensino Superior. Praticamente todos os pesquisados se autodeclararam brancos ou pardos e residem em Belo Horizonte ou na região metropolitana da cidade. Estes dados coincidem com a maior adesão ao questionário por empreendedores da Feira Hippie de Belo Horizonte, que foram abordados diretamente pelas suas redes sociais, em contraposição à menor adesão nas postagens em grupos de redes sociais. A renda familiar da maioria é alta, mais de 1/3 dos participantes têm renda superior a 4 salários-mínimos. Observa-se assim que as respostas obtidas refletem, em sua maioria, adultos médios e adultos jovens de classe média alta, brancos ou pardos e com elevado nível de escolaridade.

Houve uma diminuição nas respostas na categoria a respeito do perfil dos empreendedores, tendo em média 45 respostas. Entre estas, a maioria trabalha sem carteira assinada ou MEI, seguido dos que exercem atividade através de MEI apenas. A minoria, três indivíduos, marcaram a opção de trabalho com carteira assinada e MEI, de forma conjunta. Ressaltamos nesta parte que o questionário não contemplou aqueles que exercem alguma atividade remunerada que não seja através de MEI e também possuem carteira assinada, visto o público-alvo desejado. Apesar da maioria das respostas (38%) representarem um grupo que não é o público-alvo da pesquisa, nota-se que o segundo grupo mais expressivo de respostas corresponde ao público desejado, trabalhadores exclusivos por MEI (26%). Contudo, a maioria dos participantes da pesquisa não começou um negócio novo após o início da pandemia, sendo que 65% marcaram que não e que 35% iniciaram algum tipo de empreendimento entre 2020 e 2021.

Dentre os que possuem inscrição como MEI, 5 reativaram o cadastro ou se inscreveram na plataforma após o início da pandemia. Quanto ao tipo de empreendimento, maior frequência de respostas está relacionada a venda de roupas e artesanatos, seguidas por microempresas e venda de cosméticos. Além disso, a maior parte dos que responderam ao questionário sinalizaram que o empreendimento ajuda na renda familiar (40 pessoas, ou seja, 90%), apesar da renda elevada dos entrevistados em comparação com a maioria dos empreendedores brasileiros. Uma quantidade menor de entrevistados, porém ainda maioria, informou que possui um espaço próprio para o negócio, seja dentro do domicílio ou fora deste (84%). Estes dados apontam para um investimento considerável nos empreendimentos pelos sujeitos.

A coleta de dados na última categoria de questões foi de cunho psicológico ou emocional. No que diz respeito aos impactos econômicos e emocionais da pandemia, grande parte dos que responderam apontaram para mudanças na rotina, redução do poder de compra e sintomas psicológicos, respectivamente. Todavia, o número de respostas relativas ao desemprego foi abaixo do esperado (9 respostas, 20%), e uma minoria relatou não ter sofrido nenhum impacto emocional ou econômico nesse período. Este último dado condiz com o esperado na fase preliminar da pesquisa. 67% pessoas marcaram que sofreram sintomas psicológicos, associados ao estresse, ansiedade e depressão; 53% dos questionados relataram insônia e má qualidade do sono como sintomas relacionados a pandemia, além de que 42% apontaram um aumento nos sentimentos negativos, como desamparo e tristeza.

Evidenciou-se que mais da metade dos microempreendedores consideram que a sua ocupação contribui muito para o próprio bem estar social, porém as respostas relativas à preocupação destes quanto ao seu empreendimento no período da pandemia mostraram que mais da metade da amostra informou níveis mais altos de preocupação (39% 5/5 de preocupação, 20% 4/5), sendo que a maior parte relaciona a sua condição financeira no período de isolamento social pandêmico como um impacto negativo na própria saúde mental. Assim, constata-se uma contradição por parte dos entrevistados após análise em conjunto destas duas informações.

O maior número de participantes declarou que aderiu ao isolamento social, e a respeito das medidas adotadas para lidar com a pandemia foram significativas as respostas relativas ao foco no próprio empreendimento e o contato com amigos e familiares. As respostas relativas à rotina, hobbies e atividades físicas também foram expressivas, porém menos frequentes quando comparadas ao foco no trabalho. O uso de substâncias como álcool ou cigarro, acompanhamento psicológico ou psiquiátrico e terapias alternativas apresentaram a menor incidência, cerca de 25% dos entrevistados selecionaram ao menos uma destas.

Considerações finais

Este estudo buscou explorar as particularidades dos microempreendedores no enfrentamento da pandemia, tendo como foco a resiliência no contexto desfavorável de isolamento social. Diante da pesquisa ora apresentada, foi possível averiguar, preliminarmente, a afetação da pandemia nos empreendedores, de modo que a relação entre o isolamento social e o comércio podem ocasionar ou intensificar efeitos na saúde mental dos microempreendedores.

Ainda que a amostra obtida represente uma parcela local dos microempreendedores no país, nota-se que o empreendedorismo foi escolhido como forma de enfrentamento no contexto da pandemia. Pela condição socioeconômica dos entrevistados é evidente que as dificuldades vivenciadas por estes no contexto da pandemia não podem ser generalizadas para a maioria dos brasileiros. Entre os demais achados da pesquisa, destacou-se a ambivalência dos microempreendedores em relação ao próprio empreendimento. Apesar do foco no próprio negócio ser a principal medida escolhida pelos participantes no enfrentamento da pandemia, o próprio micro empreendimento é também percebido como um fator que imputa preocupações à maioria neste contexto.

A partir do levantamento bibliográfico, entende-se que empreender envolve habilidades para além do esforço laboral no trabalho. Entre as complexidades e multifaces do empreendedorismo, os aspectos psicológicos e sociais têm papel importante na resiliência dos sujeitos. Nas questões relativas às medidas adotadas para lidar com a pandemia, utilizou-se das recomendações presentes na cartilha da Fiocruz para os trabalhadores e trabalhadoras durante a pandemia; exercícios físicos, pausas sistemáticas no trabalho, conservação dos vínculos sociais, ainda que de forma remota, e atividades que aliviam o estresse, dentre outras (FUNDAÇÃO, 2020, p. 4). Em comparação com os dados obtidos, há uma prevalência de respostas voltadas para o foco no próprio empreendimento, de modo que as recomendações dos órgãos de saúde não condizem com as tentativas de adequação a nível individual, apesar do alto índice daqueles que mantêm contato com suas redes socioafetivas.

Quanto aos impactos relativos ao período de isolamento social, a maioria dos indivíduos relataram mudança de rotina, redução do poder de compra, sintomas psicológicos e distúrbios do sono. Notícias e pesquisas realizadas durante o levantamento deste estudo se alinham aos dados coletados relativos ao aumento da incidência de sintomas psicológicos e distúrbios do sono na pandemia (BARROS et al, 2021; BEZERRA et al, 2021; LIMA et al, 2021). Divórcio, baixa estima, trabalho em excesso e tristeza pelo distanciamento da família também foram apontados, o que indica que as preocupações referentes ao trabalho e à vida pessoal se intensificaram.

A relação entre a resiliência e o empreendedorismo como forma de enfrentamento do contexto da pandemia foi pouco explorada, pela falta de aprofundamento na subjetividade dos indivíduos. Acredita-se que isso ocorreu devido a maioria dos entrevistados terem se limitado às respostas fechadas, em conjunto com a dificuldade em selecionar o público-alvo em vulnerabilidade específico.

Além das considerações acerca dos dados obtidos acrescenta-se que o atual cenário desfavorável, somado às incertezas quanto ao futuro dos empreendimentos na lógica capitalista e meritocrática, oportuniza impactos negativos na saúde mental mesmo naqueles que optaram pelo empreendedorismo como uma oportunidade para superar tais adversidades.

A partir disso, percebe-se que os empreendedores no contexto da pandemia são um grupo interessante a ser pesquisado mais detalhadamente, considerando-se a extensão do contexto da pandemia, os poucos estudos preliminares sobre o tema neste grupo e a percepção contraditória do trabalho pelos microempreendedores. A baixa adesão a outras medidas de prevenção e promoção à saúde para além do contato social também se materializa como um tema em potencial a ser explorado em estudos futuros.

Referências

- BRANDÃO, Juliana Mendanha; MAHFOUD, Miguel; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paidéia**. Ribeirão Preto. V. 21, n. 49, p. 263-271, mai-ago 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2011000200014&script=sci_arttext. Acesso em 2 out. 2020.
- BRASIL. **Lei Nº 13.979, 6 de fevereiro de 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L13979.htm. Acesso em: 13 de out. 2020.
- CABRERA, Eliseo. Actividad física y efectos psicológicos del confinamiento por covid-19. **Revista INFAD de Psicología**. Alicante, v. 2. p. 209-220. 2020. Disponível em: <http://www.infad.eu/RevistaINFAD/OJS/index.php/IJODAEP/article/view/1828/1612>. Acesso em 27 out. 2020.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672004000500019&script=sci_arttext. Acesso em: 15 de out. 2020
- CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Revista Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf. Acesso em 30 de dez. 2020.
- DOMÍNGUEZ, Carlos F. Direitos Humanos, Cidadania e Violência no Brasil: A Qualidade da Democracia em Perspectiva. **Mural Internacional**. Rio de Janeiro, v. 11. p. 1-27, mar. 2020 Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/muralinternacional/article/view/50753/33450>. Acesso em: 14 de out. 2020.
- FARO, André; BAHIANO, Milena de Andrade; NAKANO, Tatiana de Cassia; REIS, Catele; SILVA, Brenda Fernanda Pereira da; VITTI, Laís Santos. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 37, p. 1-14, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507&lng=en&nrm=iso. Acesso em 28 de out 2020.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. - Porto Alegre : Artmed, 2009. 405
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GONÇALVES, Marta; OLIVEIRA, Magda A.; PINHEIRO, Ana P. Do Isolamento Social ao Crescimento Pessoal: Reflexões Sobre o Impacto Psicossocial da Pandemia. **Gazeta Médica**. Portugal, v. 7, n. 2, p. 151-155, Abr/Jun 2020.
- GUNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-209, Aug. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 Nov. 2020.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desemprego. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em 31 out. 2020.
- LIMA, Patrícia Padilha; DORION, Eric Charles Enri; MILAN, Gabriel Sperandio; SEVERO, Eliana Andrea; GANZER, Paula Patricia; OELA, Pelayo Munhoz. Interface, Empreendedorismo e Resiliência: Um Estudo de Caso Ambientado Na Flytour Viagens E Turismo Ltda. **RACE - Revista de Administração, Contabilidade e**

Economia, v. 13, n. 2, p. 391-424, mai-ago 2014. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/race/article/view/2787>. Acesso em 27 out. 2020

OLIVEIRA, Joana. 716.000 empresas fecharam as portas desde o início da pandemia no Brasil, segundo o IBGE. **El País**. São Paulo, 19 jul. 2020. Brasil. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-19/716000-empresas-fecharam-as-portas-desde-o-inicio-da-pandemia-no-brasil-segundo-o-ibge.html#:~:text=Desde%20que%20a%20pandemia%20do,feira%20\(16%2F07\)](https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-19/716000-empresas-fecharam-as-portas-desde-o-inicio-da-pandemia-no-brasil-segundo-o-ibge.html#:~:text=Desde%20que%20a%20pandemia%20do,feira%20(16%2F07)). Acesso em 12 de out. 2020.

REPPOLD, Caroline Tozzi; MAYER, Jeferson Charles; ALMEIDA, Leandro Silva; HUTZ, Claudio Simon. Avaliação da resiliência: controvérsia em torno do uso das escalas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 248-255, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722012000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 30 out. 2020.

RESOLUÇÃO CGSN nº 140, de 22 de maio de 2018. Disponível em: <http://normas.receita.fazenda.gov.br/sijut2consulta/link.action?idAto=92278>. Acesso em 2 nov. 2020

SANTOS, Lara. Se Vira. **Revista Elástica**. São Paulo, 8 set. 2020, Evolução. Disponível em: <https://elasticaoficial.com.br/especiais/empreendedorismo-pandemia-novos-negocios/>. Acesso em 21 set. 2020.

SIMPLES Nacional. Receita Federal. Estatísticas. 2020. Disponível em: <http://www8.receita.fazenda.gov.br/SimplesNacional/Arrecadacao/EstatisticasArrecadacao.aspx>. Acesso em 29 out. 2020

VIALLI, Andrea. Brasil ganha 600 mil microempreendedores durante a quarentena. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 22 ago. 2020, Coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mpme/2020/08/brasil-ganha-600-mil-microempreendedores-durante-a-quarentena.shtml>. Acesso em 29 out. 2020.

Apêndice

Questionário aplicado ao público-alvo delimitado nos procedimentos metodológicos.

1. Qual a sua idade?

- Até 18 anos
- Entre 19 e 25 anos
- Entre 25 e 45 anos
- Entre 45 e 65 anos
- Acima de 65 anos

2. Qual o seu nível de escolaridade?

- Sem escolaridade.
- Alfabetizado
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior

3. Qual a sua raça/etnia?

- Branca.
- Preta.
- Parda.
- Amarela

Indígena

Prefiro não declarar

4. Qual a sua renda familiar*?

Até 1 salário-mínimo (R\$ 1.100,00)

Entre 1 e 2 salários-mínimos (R\$ 1.100,00 a 2.200,00)

Entre 2 e 4 salários-mínimos (R\$ 2.200,00 a 4.400,00)

Entre 4 e 10 salários-mínimos (R\$ 4.400,00 a 11.000,00)

Acima de 10 salários-mínimos (R\$ 11.000,00)

** Valores baseados na Classes Sociais por Faixas de Salário-Mínimo do IBGE*

5. Em qual cidade e estado você reside atualmente?

6. Você atualmente está empregado por carteira assinada?

Sim, trabalho somente por carteira assinada

Sim, tenho carteira assinada e também trabalho exercendo minha atividade MEI

Não, trabalho exercendo minha atividade de MEI

Não, trabalho mas não é por carteira assinada ou MEI

Não trabalho no momento.

**Considerando a metodologia usada pelo IBGE na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua, o estudante e a dona de casa são pessoas que estão fora da força de trabalho; já a empreendedora é considerada ocupada.*

7. Você iniciou algum empreendimento/pequeno negócio entre 2020 e 2021?

Sim

Não

8. Se sim, qual?

As próximas questões foram voltadas para quem assinalou SIM na questão anterior ou marcaram as opções (“Sim, tenho carteira assinada e possui MEI”, “Não, trabalho pelo meu cadastro no MEI” e “Não, tenho trabalho*, mas não é por carteira assinada ou MEI”) anteriormente.*

9. O seu empreendimento contribui na renda familiar?

Sim, sempre

Sim, às vezes

Não.

10. Você possui um espaço físico dedicado ao seu empreendedorismo?

Sim, fora do meu domicílio

Sim, no meu domicílio

Não

11. Você possui inscrição no MEI?

Sim, me inscrevi/reativei meu cadastro após fevereiro de 2020

Sim, possuo MEI* ativo antes de fevereiro 2020

Não possuo MEI*

**Considerando que MEI significa Microempreendedor Individual, ou seja, um profissional autônomo cadastrado reconhecido pelos órgãos do Governo.*

12. Como microempreendedor, em uma escala de 0 a 5 o quanto você considera que sua ocupação tem contribuído para seu bem-estar no isolamento social?

0 1 2 3 4 5

13. Você aderiu ao isolamento social no período da pandemia?

Sim

Não

14. A pandemia te causou algum impacto econômico ou emocional? Se sim, Qual? (Marcar quantas opções quiser).

Não sofreu nenhum impacto emocional ou econômico

Mudança de rotina

Desemprego

Redução do poder de compra

Endividamento

Redução da liquidez do empreendimento ou falência

Aumento de sentimentos negativos, como desamparo

Sintomas psicológicos, como estresse, ansiedade, pânico e/ou depressão.

Insônia, má qualidade do sono

Outro:

15. Em uma escala de 0 a 5, o quão preocupado você está com seu micro empreendimento no período da pandemia?

0 1 2 3 4 5

16. Considerando a pandemia e o isolamento social, você diria que sua condição financeira impactou negativamente na sua saúde mental?

Sim

Não

17. Se sim, depois de meses na pandemia, de qual(is) maneira você procurou lidar com isso? (Marcar quantas opções quiser).

Procurei manter contato com amigos e/ou familiares

Estabeleci rotinas no meu cotidiano

Passei a comer mais doces, gorduras ou alimentos calóricos

Aumentei o consumo/ passei a consumir bebidas e/ou cigarro

Iniciei terapias alternativas

Realizei acompanhamento psicológico ou psiquiátrico

Iniciei algum tipo de atividade física ou técnicas de relaxamento

Comecei um empreendimento

Foquei no meu trabalho

Apreendi uma nova habilidade ou iniciei um curso

Outro:

18. Alguma questão não mencionada que você acredita ser relevante?